





SE ESTA RUA FOSSE MINHA: TRAÇOS DE EXPERIÊNCIAS E REGISTROS DE UM PROJETO

If this street were mine: traces of experiences and records of a Project

Vanda de Fátima Silva **PINHEIRO**
Prefeitura de São Paulo
EMEI Padre Mauro Baptista, DRE-CL/SME-SP
São Paulo, Brasil
vanda.pinheiro@sme.prefeitura.sp.gov.br
<https://orcid.org/0009-0001-5094-3416> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Este texto é um relato de prática sobre um projeto realizado com uma turma de educação infantil unificada em uma escola pública municipal de São Paulo, zona sul. A professora conta de forma despreocupada e curiosa como o projeto de explorar o entorno escolar possibilitou a valorização e ampliação dos saberes das crianças sobre a geografia do território. Através de noções de localização, compreensão da urbanidade e das questões de saneamento básico foi possível entender a importância da função da escrita e dos números no contexto de vida. O Projeto despertou o sentimento de pertencimento das crianças ao território e à cidade, elucidando os direitos que as crianças possuem e que devem ser respeitados. Por fim, avivou a reflexão sobre a criança cidadã do mundo e o processo de autoavaliação sobre a prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Registro. Prática docente. Criança e cidade. Educação infantil. Projeto pedagógico.

ABSTRACT

This text is a practical report about a project carried out with a unified kindergarten group in a municipal public school of São Paulo, South Zone. The teacher in an unpretentious and curious form tells how the project to explore the places around of school enabled the appreciation and expansion of the children's knowledge about geography of the territory. Through notions of location, understanding of urbanity and basic sanitation issues it was possible understanding the importance of the function of writing and of numbers in the context of life. It promoted children's sense of belonging about the territory and the city, clarifying children's rights which must be respected. Finally, it encouraged to think of the child as a citizen of the world and the self assessment process about the pedagogical practice.

KEYWORDS: Record. Teaching practice. Child and city. Early Childhood Education. Pedagogical Project.

SUPERANDO AS REGRAS ACADÊMICAS: DA DIFICULDADE AO PRAZER EM ESCREVER UM RELATO DE PRÁTICA

De início gostaria de registrar a minha dificuldade em escrever sobre o relato de práticas, pois muitas vezes o que deveria ser algo prazeroso, em razão das regras normativas acadêmicas, se torna um verdadeiro “leviatã”. Seria muito mais simples poder relatar minhas práticas de uma forma espontânea e despreziosa, exercendo a arte literária de forma livre e não de maneira científica e engessada. Imagino que isso também ocorra com os demais professores, já que para relatar uma história é necessária a liberdade de escrita, deixando fluir aquilo que vem à cabeça.

Descrever sobre o relato de práticas vai muito além de inserir conhecimento técnico pedagógico, é imprescindível revisitar sentimentos de alegria, angústias e ansiedades e, por inúmeras vezes, as regras normativas acadêmicas acabam por travar a criação literária.

Entendo que por este motivo exercemos pouco o letramento e continuamos um povo da oralidade, já que para essa última se exige menos apego às regras e normas. Desta forma, acabamos perdendo o registro histórico de grandes projetos que poderiam servir de inspiração para tantos outros, bem como a possibilidade da autoavaliação, já que ao registrar o que foi desenvolvido muito se aprende e se corrige.

Mas, mesmo diante das adversidades, resolvi me arriscar e espero que gostem!

Quando penso em introdução, penso que deve ser algo que desperte o interesse do leitor, a fim de que ele queira saber mais sobre o assunto, então, o que posso dizer neste prólogo é que o projeto “Se esta rua fosse minha” foi desenvolvido com uma das turmas unificadas de uma EMEI na zona periférica de São Paulo, chamada Padre Mauro Baptista, uma escola pública que atende crianças diversas e que mesmo diante de suas dificuldades, busca qualificar o ensino básico infantil.

Acho também importante registrar que esse projeto vivenciou as dificuldades de interação e comunicação oral das crianças decorrentes do isolamento causado pela pandemia, pois o distanciamento social, a suspensão das aulas e a diminuição das atividades e brincadeiras infantis com outras crianças afetou o desenvolvimento da linguagem, haja visto que o desenvolvimento da linguagem ocorre na interação com o outro e com o meio.

Os anos de 2020 e 2021 foram atípicos em relação ao atendimento das crianças. Em 2020, a partir do fim de março com a publicação do Decreto de Emergência, as atividades eram propostas através de plataformas virtuais. Em 2021, com os avanços

da vacinação, retornamos com o ensino híbrido, atendendo presencialmente um grupo pequeno de crianças (9 crianças por turma) que se revezavam a cada semana, conforme autorização das famílias para este retorno e questões de vulnerabilidade. No decorrer do ano 2021, muitas mudanças foram realizadas por meio de comunicados e orientações publicadas através da Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo. Foi quase no fim de 2021 que houve o retorno presencial da totalidade do grupo. Essas mudanças constantes nos agrupamentos nos anunciavam as dificuldades que encontraríamos no período “pós-pandemia”. Era notável a diferença quanto à comunicação, autonomia e interação entre as crianças que tinham retornado ao ensino presencial no início do ano e as que estavam retornando no fim do ano.

Além deste cenário posto, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, ao final de 2021, publicou instruções normativas reorganizando os agrupamentos de atendimento da educação infantil. Anteriormente, as turmas eram organizadas em Infantil I (3, 4 anos) e Infantil II (5, 6 anos). Com essa nova normativa, a partir de 2022, todas as turmas passam a ser agrupamentos multietários, isto é, o infantil unificado (3, 4, 5 e 6 anos). Essa determinação municipal não deu abertura para que os Conselhos de Escola pudessem debater sobre adesão ou não a essa proposta. Sendo assim, iniciamos 2022 com estes dois grandes desafios: atender crianças de faixas etárias variadas em um mesmo agrupamento e o contexto peculiar da pós pandemia (crianças que nunca tinham frequentado escola, crianças que tinham retornado em 2021, crianças com deficiência que haviam perdido toda a rede de atendimento da saúde, crianças que vivenciaram experiências do luto e do isolamento). Ou seja, o cenário que já era um tanto desafiador em razão da diversidade expressa através dos marcadores sociais de raça, gênero e classe, se tornou ainda maior.

Contudo, mesmo diante de todos esses contratemplos, o projeto tomou forma e expressão. Em um relato sobre a vivência e o desenvolvimento das crianças, essas tiveram sua autoestima elevada, se sentiram ouvidas, valorizadas e acabaram por superar inúmeros desafios. Crianças que aprenderam a gostar da escola e a enxergaram como um local para desenvolver a criticidade e a criatividade, aprender sobre solidariedade e empatia, além de brincar e fazer amigos.

Trata-se de um projeto que possibilitou a aprendizagem integral das crianças, pois rompeu com as múltiplas disciplinas, como português, matemática, história, geografia, ciências, educação física e artes, através de experiências práticas, que contemplaram a multidimensionalidade humana. Sabemos que na Educação Infantil, não há uma matriz curricular com as disciplinas definidas e o projeto proporcionou que

os saberes de diferentes áreas do conhecimento se cruzassem e atravessassem a prática pedagógica. Assim, as crianças puderam compreender sobre localização e geografia ao reconhecer a rua e suas moradias. Entenderam a presença da escrita nas placas e nos números nos prédios e residências. Experimentaram os desafios do corpo ao caminhar, subir as ladeiras, escorregar de “bunda” no morro de grama. Entenderam sobre a importância de preservação do meio ambiente quando se incomodaram com o lixo encontrado no caminho ou quando se encantaram com as borboletas, os pássaros, as galinhas e os cachorros que também avistaram. Puderam, ainda, desenvolver a capacidade de expressar seus sentimentos ao descrever o que achavam sobre a rua, sobre a escola, sobre o território e seu lugar nesse mundo, tudo isso através de tinta, fotografia, vídeo e canto.

Neste relato de prática também há nas entrelinhas muito de quem é a professora que está por trás das propostas, da formação e dos referenciais nos quais eu acredito. Na concepção de uma criança que possui direitos e deveres, uma criança cidadã, com direito principalmente de aprender brincando, com uma educação voltada para ela e não adaptada. Educação para a criança real, com direito à participação e à felicidade.

Mais do que relatar uma experiência pedagógica eu tentei contar uma história. Não uma história da academia, uma história do tão falado e tão real “chão da escola”.

“SE ESTA RUA FOSSE MINHA”

Esse relato de prática se refere à um projeto realizado com as crianças da turma 7D (Infantil Unificado 4,5,6 anos), denominada turma do Macaco, da EMEI Padre Mauro Baptista, escola localizada na Vila Andrade, zona sul da cidade de São Paulo.

A denominação da turma nos documentos e registros são expressas como Turma Infantil Unificado, para caracterizar os agrupamentos multietários (4, 5, 6 anos), mas para facilitar a identificação dos grupos das crianças, as turmas possuem nomes de animais. Desde 2010, a partir de uma sugestão da diretora da época ao grupo docente, para facilitar a identificação da criança com seu grupo e a identificação da família com a turma e professora, as turmas ganharam nomes. Antes disso era pelo número da sala. A ideia dos animais também veio com uma intenção de criação de vínculos afetivos com o grupo e até com mascote da sala (bicho de pelúcia da turma). Dessa forma ficou estabelecido até o presente momento, na EMEI Padre Mauro Baptista, as sete salas/turmas: Macaco, Leão, Hipopótamo, Girafa, Coelho, Elefante e Urso. Como a EMEI

atende as crianças em dois períodos, sete salas pela manhã e sete à tarde, bom frisar que a turma 7D é a turma do macaco da manhã.

O projeto começou a surgir a partir de uma sequência didática sobre o uso social dos números, pois costumo iniciar as propostas de ampliação de conhecimento de mundo por meio de duas sequências didáticas, uma de portadores de texto e outra do uso social dos números. A sequência didática é uma modalidade organizativa que no decorrer do processo de exploração das “atividades” vão constituindo aprendizagens, desencadeando situações problemas e levam à projetos constituídos com a turma de crianças.

Ao procurarmos o número da escola, notamos que ele não existia e foi, então, com a intenção de resolver aquele “problema”, que pintamos o número da escola no muro ao lado da entrada do prédio escolar:

Essa intervenção se uniu à minha intenção como docente de explorar o entorno escolar. Mesmo sabendo que não temos nenhum espaço público de esporte, lazer ou cultura, me propus a arriscar e permitir a mim e às crianças descobrirmos juntos que rumo tomaria nosso projeto. O que foi muito bom, pois pela primeira vez não estabelecia previamente as ações a serem realizadas e uma coisa foi puxando a outra. De fato, fui planejando as ações a partir de uma escuta sensível daquilo que as crianças iam expressando. Ou seja, foi através das rodas de conversas antes das saídas, durante o percurso e no retorno à EMEI que o projeto foi tomando forma.

Então, quando, por exemplo, saímos a primeira vez para pintar o número 20 na frente da escola, as crianças aprenderam que não era permitido caminhar no local onde circulavam os veículos e que teriam que se manter na calçada. Foi daí que surgiu a primeira questão: “Por que não podemos circular onde os veículos transitam?” Assim, fizemos uma roda de conversa para falar sobre esse ponto e chegamos à conclusão de que *“é perigoso, passa carros em velocidade e a gente tem que ficar na calçada”*.

Depois desse evento, passei um tempo refletindo qual seria a próxima ação do projeto, eu precisava pensar em como poderíamos explorar de forma concreta e significativa o passeio das crianças no entorno escolar. Era necessário apresentar desafios possíveis de serem transpostos por aquela turma, tendo em vista as suas peculiaridades, já que estávamos diante de crianças pequenas.

Olhando a rua, então, me questionei onde ela começava e onde ela terminava. Essa pergunta foi apresentada às crianças e cada uma disse que era de um lado ou de outro. Nossa 2ª parte do projeto foi, então, estabelecida: combinamos de descobrir qual era o início e o fim da rua. Ansiosas, as crianças passaram os dias

subsequentes perguntando quando iríamos ver onde começa e onde termina a rua. Elas queriam resolver esse “enigma”, mas tínhamos que providenciar as autorizações dos familiares para a saída pedagógica no entorno escolar, o que demorou um pouco para ser concluído.

Nesse ínterim, conversei com a gestão da EMEI e relatei a minha proposta de explorar o entorno escolar com as crianças e juntas compreendemos a importância desta ação para a valorização do território escolar e para a integração das crianças com a cidade e o bairro. Assim, estávamos enxergando as crianças como cidadãos que possuem o direito desse espaço para além dos muros da escola. Em seguida, alinhamos as questões burocráticas, como autorizações de uso contínuo e compreendendo a coerência do trabalho com o currículo da Cidade, o qual dispõe sobre a necessidade do pertencimento das crianças no entorno escolar, bem como com o Projeto Político Pedagógico (PPP) que visa, acima de tudo, a segurança de todos, demos continuidade ao projeto.

Recolhidas as autorizações, combinamos com a Gabi (ATE) de nos acompanhar nesta primeira saída. E lá fomos nós para a rua, momento em que foi identificado onde a rua começava e a existência de uma placa com o nome dela: Rua dos Catarinenses. Nesse momento, parte do nosso “enigma” já havia sido desvendado.

Figura 1: Identificação da placa da rua (início da rua)



Fonte: da autora em 2022

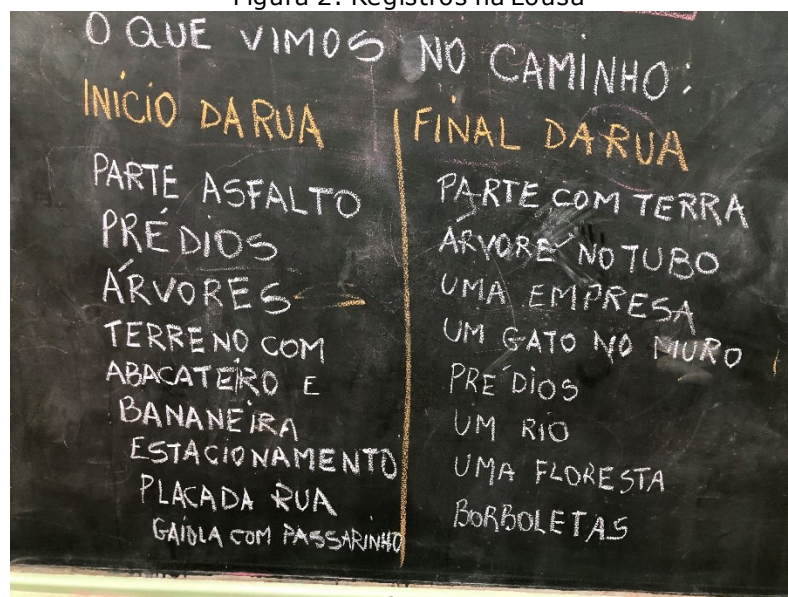
Assim, demos continuidade ao nosso caminhar e ao longo do trajeto avistamos duas gaiolas com pássaros, terrenos com mato e algumas árvores frutíferas, mas foi no final da rua que fizemos a maior descoberta: um rio poluído para onde é destinado o esgoto dos moradores da comunidade “Morro da Lua”. Foi nesse momento também que

o Weverton disse: "*Olha lá minha casa!*", apontando para o alto do morro e lá ficamos todos observando a casa do Weverton até que concluímos que um dia, quem sabe, poderíamos tomar um café ou um chá na casa do Weverton. Naquele momento, o Weverton era pura alegria e se sentia importante e reconhecido perante a turma. Não demorou muito para surgirem perguntas do que havia lá em cima do morro. E até quem não morava lá dizia que morava para poder, então, contar como era e o caminho e o que tinha lá em cima.

Essa saída foi fotografada e filmada e acabou resultando na 3ª parte do nosso projeto, pois decidimos, em conjunto, fazer um vídeo com os registros dessa investigação. Faltava, porém uma trilha sonora, foi, então, que lembrei do dia em que a Stella cantou uma música que a sua avó a havia ensinado: "Se essa rua, se essa rua fosse minha...". A música parecia perfeita, mas decidi fazer uma enquete para verificar se eles estavam de acordo com a trilha sonora daquele evento. Então, após estabelecido o quórum de votação, foi decidido, por unanimidade, que "Se essa rua fosse minha" seria a trilha sonora do vídeo. Quando o vídeo ficou pronto postei na página da escola no *Facebook* e todos gostaram e fizeram comentários de como estava lindo o vídeo e que não sabiam que no final da Rua dos Catarinenses havia um rio.

Através da tv da escola (kit multimídia no pátio) eu também mostrei às crianças como ficou o nosso vídeo na página da escola e eles simplesmente amaram ao se verem no telão. O Daniel de maneira um tanto empolgante disse: "*Que legal Pro!*". E eu o questionei: "Por que você achou tão legal Daniel?". E ele então respondeu: "Porque é sobre a nossa vida, a nossa vida real". Isto me deixou muito contente e animada para continuar o projeto, pois percebi que por meio de uma ação simples, muitas outras podem surgir e a partir dessas ações grandes aprendizagens podem ser construídas. Aprendizagens significativas para as crianças, experiências práticas de conhecimento que vão da escola para o mundo e do mundo para a escola. Depois de assistir ao vídeo, relembramos o que vimos no caminho e foi por mim, então, registrado na lousa, conforme foto abaixo.

Figura 2: Registros na Lousa



Fonte: da autora em 2022.

Eu ainda fiz questão de reviver o porquê de nos mantermos sempre na calçada e os perigos que os pedestres estão sujeitos caso transitem nos lugares de circulação de veículos. Perguntei também às crianças o que fariam se “a rua fosse delas” e elas, então, responderam que fariam uma casa bem grande, uma loja, um buraco para achar diamante, um churrasco, uma festa, uma caminhada, um desenho no chão e algumas pinturas nos muros da escola. Por fim, eu propus que elas desenhassem no papel o que foi imaginado.

E foi, a partir desses registros que se deu início a fase do 4 do projeto, já que, uma vez que não poderíamos fazer o que bem entendíamos, passamos a refletir quais eram os limites de nossos direitos e quais ações, efetivamente, poderiam ser feitas por nós na Rua dos Catarinenses.

Sendo assim, em um outro momento, lhes perguntei o que de fato poderíamos fazer na rua, visto que se tratava de uma via pública e que não poderíamos adotar medidas que acabariam por interferir no direito de outras pessoas. Após muitas sugestões, concluíamos que poderíamos fazer: (I) uma caminhada; (II) uma pintura; e (III) uma festa com canções e dança.

Buscando dar vida às sugestões do que podemos fazer na “nossa rua” (sim, naquela altura, a rua já era nossa!). Apresentei às crianças uma foto de uma outra rua e fizemos a leitura da imagem e à comparamos com “nossa rua”. Algumas crianças disseram que na “nossa rua” não tinha faixa de pedestre e na imagem apresentada

havia uma faixa. Diante da dúvida que surgiu e visando cumprir o item I acima, decidimos caminhar novamente pela “nossa rua” para conferir se ela possuía ou não faixa de pedestres. Desta vez, tivemos a companhia da Adriana (Funcionária do Programa de Orientação ao Trabalho), que nos acompanhou e identificou conosco que a “nossa rua” possuía sim faixa de pedestre. Naquela oportunidade, aproveitei para falar da importância de se atravessar na faixa, de olhar para os dois lados antes de atravessar e, se caso existente, respeitar a sinalização do semáforo. Aproveitei também para ensinar a música do semáforo que acabou compondo a trilha sonora do vídeo desta segunda saída:

*"Quando saio a passear,
o sinal obedecer,
o vermelho é pra parar
amarelo esperar
o verde quer dizer
que já posso atravessar
trala, lala, trala lala, lala*

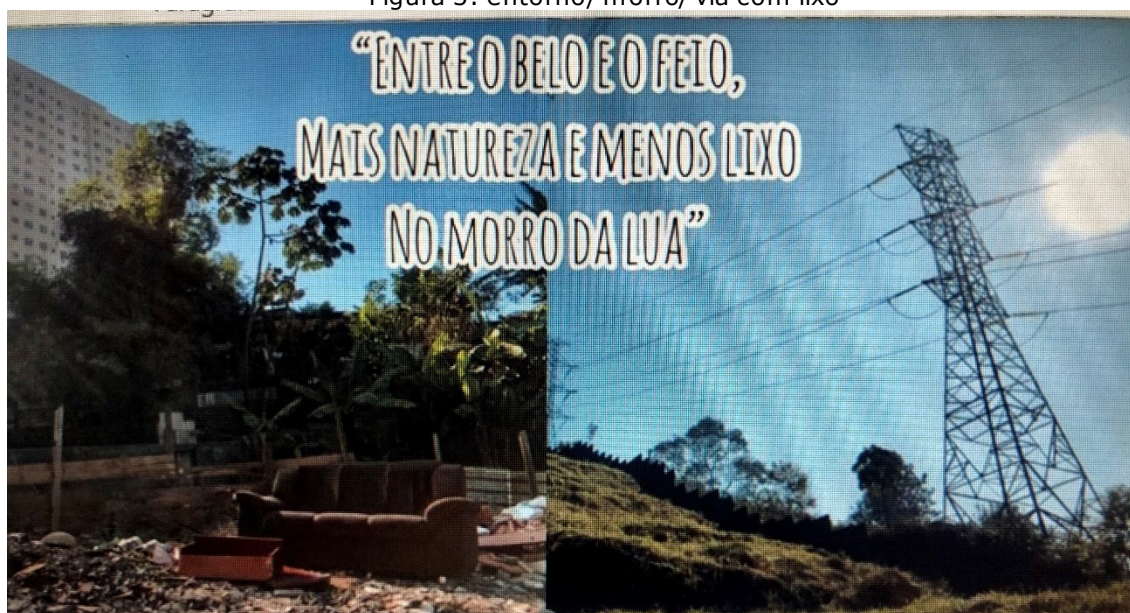
(música ensinada e cantada pela professora e crianças).

Em um outro dia, dando continuidade à nossa caminhada, lá fomos nós acompanhadas pela Gabi e a Adriana, a quem agradecemos muito o apoio nessa empreitada de sair com várias crianças para fora da escola. E na metade do nosso percurso, momento em que estávamos subindo a ladeira do Morro da Lua uma criança gritou: “Nossa! Isso é uma verdadeira aventura!”. Essa nova caminhada nos gerou novos descobrimentos, como um carro queimado, uma árvore gigante e algumas torres de energia, que o Davi Lucca fez questão de enfatizar que parecia a torre Eiffel. Aquele dia, em especial, estava lindo! E na parte de cima da ladeira avistamos a escola, a caixa d’água da EMEF Francisco Rebolo, o metrô passando ao longe, o céu azul, muito verde e um pouco de lixo espalhado. E olha que a aventura somente tinha começado!

A caminhada estava muito boa, mas era hora de voltar para a escola e então resolvemos descer a ladeira por uma estreita trilha com grama por todos os lados. Como se tratava de um caminho novo para quase todos, menos para o Weverton, tivemos alguns escorregões e com isso surgiu o sentimento de solidariedade, pois eles se ajudavam. Já lá embaixo, vimos um sofá velho abandonado com muito lixo em volta e tinha também uma casa que, segundo as crianças, parecia um sítio, já que tinha um quintal grande e algumas galinhas. De volta à “nossa rua” já foi possível notar a aplicabilidade do conhecimento adquirido pelas crianças, visto que muitas delas foram reconhecendo o local, o início da “nossa rua” e para qual sentido estavam suas próprias casas.

Como mencionei acima, essas caminhadas também foram documentadas em vídeo e em uma outra oportunidade os registros daqueles dias foram apresentados às crianças que ficaram muito contentes ao se verem na tv e por conseguirem reconhecer o lugar por onde haviam passado. A empolgação era tamanha que, de uma forma um tanto espontânea, à medida que se viam na tela da tv, batiam palmas para elas mesmas. Naquele dia conversamos sobre o que vimos, o que era “belo” e o que era “feio” e fizemos um cartaz contendo alguns registros da caminhada e os seguintes dizeres: “Entre o belo e o feio, mais natureza e menos lixo no Morro da Lua.” (Segue registro fotográfico sobre as descobertas do caminho)

Figura 3: entorno/ morro/ via com lixo



Fonte: da autora em 2022.

Inspirados com tudo o que vimos, demos cumprimento ao item II acima, qual seja, uma pintura. Assim, as crianças fizeram pinturas maravilhosas expressando suas formas de enxergar a “nossa rua” e todas essas obras foram expostas na sala de referência e apreciadas por elas mesmas que apontavam e reconheciam suas artes. Uma das crianças se arriscou a dizer que eram verdadeiras obras de arte e por que não?

Refletindo exatamente em todo percurso do projeto e tudo que havia sido desenvolvido até então, decidi que aquelas obras de artes precisavam sair da sala e chegar à “nossa rua”. Então, resolvi expor na entrada da escola aquele lindo trabalho feito pelas crianças da Turma do Macaco.

Esse movimento ocorreu quando a escola tinha acabado de adquirir um fogão por indução e, por isso, resolvi fazer com as crianças a cola "lambe-lambe", ferramenta essa que seria utilizada para colagem das suas obras de arte.

Fizemos, assim, um corredor na entrada da escola, uma verdadeira ocupação cultural, visando dar visibilidade à cultura da infância, que também possui um olhar criativo, crítico e transformador, podendo, assim, intervir de forma positiva na construção de uma vida melhor em sociedade.

Figura 4: Ocupação cultural com obras de arte das crianças na entrada da escola



Fonte: da autora em 2022.

Como saio mais cedo do que as crianças ouvi, posteriormente, o *feedback* da Diretora Beatriz que me contou que no horário da saída os pais tiveram a oportunidade de ver a exposição e que gostaram muito do que viram. Segundo a Diretora Beatriz, muitos deles tiraram fotos em frente às obras de arte de seus próprios filhos.

E essa foi a última atividade que consegui realizar com este grupo, pois a professora regente da turma voltou de licença maternidade e eu retornei à minha função de professor de educação infantil atuando como módulo, designação dada ao professor(a) que substitui o professor regente na ausência deste. O que quero frisar é que mesmo sendo uma professora "substituta" procurei qualificar o meu trabalho de forma a garantir um tempo de descoberta e aprendizagens novas às crianças e inclusive, registrando esta experiência, por meio de anotações escritas, fotos e vídeos.

Quanto a festa que as crianças queriam fazer na rua? Essa infelizmente ou felizmente ficou para um outro projeto! Durante o período que fiquei com a turma, em um dos nossos encontros, levei um professor músico para fazer uma atividade com as crianças. Essa visita foi muito apreciada pelas crianças que adoraram a cantoria e as

brincadeiras com música. Em recente conversa com a Diretora Beatriz definimos ideias de como viabilizar essa ação. A Diretora Beatriz pretende agora envolver a escola toda, contando com um formador em musicalização, ampliando essa visita do professor músico a todas as turmas e às professoras, nos momentos formativos, visando como produção final uma grande festa! A tal festa na rua que tanto as crianças tinham falado lá no início do projeto. O objetivo é realizar um cortejo, com música e danças na “nossa rua”. O cortejo viria para fortalecer a importância de as crianças tomarem as ruas enquanto lugar delas também.

Por fim, nesse breve relato de prática, gostaria de registrar que com frequência a nossa escola é “invadida” aos finais de semana e às vezes à noite por adolescentes e grupos de pessoas que, na maioria das vezes, entram para brincar no parque ou jogar bola nas áreas externas. E essa situação só me faz ter a certeza do quanto a falta de espaços públicos de lazer no bairro acaba por excluir as crianças e os adolescentes do direito à cidade e o quanto à escola tem uma função social fundamental na formação desses estudantes para a cidadania, para o compromisso e responsabilidade com o seu local de vida.

Espero que esse projeto possa servir de incentivo para que outros professores documentem, relatem e divulguem suas práticas, que bem sei que muita coisa tem acontecido no “chão da escola” em prol de uma educação de qualidade. Foi a partir dos registros das minhas práticas, escritos no caderno de planejamento e acompanhamento e das fotos que posteriormente foram organizados em uma produção áudio visual que possibilitaram revisitar e relatar esta experiência com as crianças.

Neste caminho aponta o currículo da cidade ao citar que a documentação pedagógica possibilita a comunicação das vivências e aprendizagens de bebês e crianças, valorizando seu protagonismo, sua autoria e, também, o protagonismo docente.

REFERÊNCIAS

EMEI Padre Mauro Baptista. **Projeto Político Pedagógico**. São Paulo: PMSP/SME, 2022.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. – São Paulo: SME/COPEd, 2019.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Currículo Integrador da Infância Paulistana**. – São Paulo: SME/DOT, 2015a.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientação Normativa nº01:** avaliação na educação infantil: aprimorando olhares – São Paulo: SME/DOT, 2013.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil Paulistana.** – São Paulo: SME / DOT, 2015.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

SE ESTA RUA FOSSE MINHA: TRAÇOS DE EXPERIÊNCIAS E REGISTROS DE UM PROJETO

If this street were mine: traces of experiences and records of a project

Vanda de Fátima Silva Pinheiro

Licenciatura em Pedagogia

Pesquisadora autônoma

Prefeitura de São Paulo

EMEI Padre Mauro Baptista, DRE-CL/SME-SP

São Paulo, Brasil

vanda.pinheiro@sme.prefeitura.sp.gov.br

<https://orcid.org/0009-0001-5094-3416>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Domingos Rodrigues Leal, 229. Jardim Alvorada. CEP: 05528-060. São Paulo- SP. Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Diretora da EMEI Padre Mauro Baptista, Beatriz Campos de Andrade, pelo incentivo e auxílio na descrição do relato.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: V. F. Pinheiro

Coleta de dados: V. F. Pinheiro

Análise de dados: V. F. Pinheiro

Discussão dos resultados: V. F. Pinheiro

Revisão e aprovação: V. F. Pinheiro

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 18-05-2023 – Aprovado em: 06-10-2023